

A ESPIRITUALIDADE NA VIDA RELIGIOSA FEMININA A PARTIR DA HAGIOGRAFIA DE SANTA SENHORINHA DE BASTO

HEVERTON RODRIGUES DE OLIVEIRA*

Introdução

Ao buscarmos percorrer os caminhos da espiritualidade da vida religiosa feminina na Idade Média, se faz necessário lembrar que a palavra espiritualidade é um conceito moderno, utilizado somente a partir do século XIX. Compreende-se por espiritualidade, segundo André Vauchez, a dimensão religiosa da vida interior que implica uma ciência da ascese, que conduz, pela mística, à instauração de relações pessoais com Deus¹. A vida monástica, o silêncio e a paz dos claustros, favoreceu o desabrochar de uma vida espiritual intensa no Ocidente medieval. Em cada época houve aspectos do mistério cristão que foram mais valorizados neste processo de busca de uma vida espiritual, aspectos como ritos, preces, devoções, tendências ascéticas e penitenciais são práticas cristãs que aparecem no decorrer da história da espiritualidade cristã ocidental.

A vida de Santa Senhorinha de Basto

A hagiografia de Santa Senhorinha de Basto que nos propomos analisar é a obra intitulada *Vida e Milagres de Santa Senhorinha*, em português arcaico. Sabemos que além desse texto, existem mais dois relatos hagiográficos dedicados à Santa, são eles: *Vita Beatae Senorinae Virginise Alia Sanctae Senorinae Vita*, ambos compostos em latim.

Hagiografia (*hagios* = santo; *grafia* = escrita) é o termo utilizado desde o século XVII, para identificar os estudos relacionados ao culto dos santos, como textos que

* Universidade Federal de Goiás - UFG. Mestrando. Bolsista CAPES.

¹ VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média: (séculos VIII a XIII)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995, p. 07.

abordam aspectos biográficos de homens e mulheres considerados santos ou beatos, transladação de suas relíquias, relatos de milagres, viagens espirituais e também martirólogos. Michel de Certeau, em seu livro *A escrita da História*, define a hagiografia como o gênero literário que “destaca os ‘atores do sagrado’ os santos, e visa à edificação (exemplaridade)” (CERTEAU, 2013, p.242).

A hagiografia cristã surge no século II d.C. com a finalidade de guardar a memória dos primeiros mártires cristãos. Para André Vauchez, a devoção aos santos “provém do culto dos mártires que, durante algum tempo, foram os únicos santos venerados pelos cristãos e conservaram no seio da Igreja um considerável prestígio” (VAUCHEZ, 1989, p.212). Após Constantino, no século IV, temos um segundo momento da hagiografia, composta por relatos da vida de eremitas e ascetas do deserto. Segue-se a um período de valorização dos santos fundadores de Ordens religiosas e de místicos, ao contrário do martírio no qual o interesse maior era pela morte da testemunha, neste momento a atenção se volta para toda a vida do santo.

A vida de Santa Senhorinha de Basto

Senhorinha de Basto, uma abadessa dos mosteiros de São João de Vieira e de São Jorge de Basto, segundo a hagiografia viveu no século X, entre os anos 924 e 982, na Galiza, região subordinada à monarquia leonesa, “tendo sido registrado nos vários martirólogos a data de 22 de abril de 982 como a do seu falecimento” (GAMEIRO, 2001, p. 562), sendo esta a data da festa litúrgica dedicada à santa. A hagiografia apresenta Senhorinha como uma santa fidalga, advinda de uma distinta família, filha de um casal de “mui nobre linhagem e cristãos mui verdadeiros”, segundo o hagiógrafo, seu pai fora um Conde da região de Basto, de nome Auulfo. Falecida a mãe logo depois do parto, o pai lhe deu o nome de Senhorinha, que quer dizer senhora muito pequena, após a escolha do nome, o Conde Auulfo, segundo a hagiografia “disse ainda o dito seu padre chorando, filha a Jesu cristo te offereço”. Assim inicia o percurso de Senhorinha no caminho da santidade, o hagiógrafo faz questão de frisar a eleição da jovem santa desde o nascimento.

Por falta da mãe, Senhorinha é entregue aos cuidados de uma mulher de nome Godina, apresentada na hagiografia como

molher santa e de boa vida, e sutil engenho, que non quedaua de dizer muito ameude a esta santa virgem, ca castidade e a virgindade do corpo, que hehua cousa mui fermosa e santa, e sacrificio de que se Deos muito paguaua, e que o corpo virgem e casto daua a Deos a alma sem maguoa, e dizia lhe ainda mais Esta Dona Godina que o parto e o empenhar enche o mundo, e a castidade enche o paraíso (1268-1279).

Ensinada desde jovem a guardar a castidade, Senhorinha nega se casar com o filho de um Conde, que segundo a hagiografia era muito rico e vinha de linhagem de reis. Ao negar o casamento, Senhorinha relembra seu pai que ele a entregara a Jesus Cristo, e que ela queria por esposo e senhor o mesmo Jesus. A vida religiosa, em uma perspectiva escatológica, elege a observância da castidade e a continência dos desejos sexuais como pilares da conduta monástica. É relatada na hagiografia a aparição de um anjo ao Conde Auulfo, pai de Senhorinha, que o relembra que o mesmo ofereceu a filha a Deus. Após este episódio, Senhorinha recebe a benção do pai e

a santa dona que criaua esta virgem pos hum veo sobre o altar qual o as Donas hão de trager, e esta virgem bem auenturada o tomou loguo com sua mão, e em sinal de virgindade pose o loguo na cabeça (1268-1279).

O Conde Auulfo, após a visão do anjo, deixa a filha terras e três igrejas que houvesse mantimento para assegurar a subsistência da mesma. Segundo nossa fonte, “depois desto esta virge bem auenturada acabou oitro anos, os quaes acabados tomou o auito de religião da Ordem de são Bento” (1268-1279). Algo que merece destaque é o contato de Senhorinha com a leitura, ensinado pela dita senhora que a instruíra. São citadas na hagiografia as obras de Santo Abrósio, a regra de São Bento e “doutros santos, e outros liuros que a igreja ha de seu custume, e que pertencia a sua Ordem, por onde esta sua criada podessemilhor entender as escrituras santas” (1268-1279). A leitura meditada da Escritura, dos Padres da Igreja e da Regra, compunham um fator essencial

da espiritualidade da vida religiosa, a *lectio divina* tinha grande importância na vida e na espiritualidade dos monges e das monjas.

O historiador português José Mattoso, apresenta um processo de “beneditinização dos mosteiros femininos” nos séculos XII e XIII, período no qual é compilada a hagiografia de Senhorinha de Basto, intrinsecamente relacionado às mudanças ocorridas nas organizações familiares do período, no qual as filhas não primogênicas, chamadas de “segundonas” são consideradas inúteis para o casamento e destinadas aos mosteiros (cf. MATTOSO, 1984, p. 221). Quanto a adesão à regra beneditina nos mosteiros femininos, Andréia Frazão da Silva, a partir do cânone 26 de Latrão II, afirma que “por determinação papal, ao menos desde o ano de 1139, as comunidades femininas deveriam adotar uma das regras aceitas pela Igreja Romana: beneditina, agostiniana ou basiliana” (SILVA, 2014, p. 190). Para a historiadora, havia na Galiza, na primeira metade do século XII, um ambiente favorável para a adoção da regra beneditina, favorável tanto por motivos familiares, como o apresentado por Mattoso, quanto pelas normativas eclesásticas, como apresentado pela historiadora. Andréia Frazão da Silva considera que a hagiografia de Santa Senhorinha de Basto funcionou também como uma propaganda da regra beneditina (cf. SILVA, 2014, p. 193). A regra beneditina fixou e direcionou os grandes princípios da vida religiosa ocidental, bem como sua espiritualidade, considerando sempre a adaptação da regra às condições locais²

A Vida de Santa Senhorinha é apresentada como um modelo ideal de vida religiosa para as mulheres, temas como virgindade, penitência, jejum, mística sponsal com Cristo, mortificação do corpo, meditação sobre as Escrituras e outros textos religiosos, são recorrentes em grande parte da hagiografia da santa. A prática da ascese e da mortificação do corpo permitia ao cristão um retorno ao primeiro estado de inocência, assim podendo alcançar à liberdade espiritual. A busca pelo martírio, mesmo não havendo perseguidores, este era infligido a si mesmo, levava as almas a busca da

² VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média ocidental: (séculos VIII a XIII)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995, p. 35.

perfeição. Para o hagiógrafo, Santa Senhorinha é mártir, este a considera mais mártir do que os outros mártires da Igreja, pois esta foi o algoz de si, martirizando seu próprio corpo. Nas hagiografias, o objetivo primário do autor não é compor um relato biográfico do santo, mas antes retratá-lo como modelo de virtude cristã (cf. CERTEAU, 2013, p.248), não apresentar o que realmente passou na vida do santo, mas sim o que é exemplar no momento da redação hagiográfica. A hagiografia recorre aos *exempla*, para dar ênfase ao papel dos santos e santas como modelos de seguidores de Cristo. O medievalista Jacques Le Goff afirma ser o século XIII o tempo do *exemplum*, definindo-o como um “conto breve dado como verídico e destinado a ser inserido num discurso a fim de convencer um auditório por meio de lição salutar” (LE GOFF, 1994, p.123).

O discurso hagiográfico é composto por um discurso das virtudes, marcado pelo maravilhoso, pelo miraculoso, que transpõe a realidade terrestre. Ao contrário de uma biografia, na qual se espera a autenticidade dos fatos, a hagiografia permite uma oscilação entre o crível e o incrível, marcada não pelo que passou verdadeiramente, mas sim pelo que é exemplar (cf. CERTEAU, 2013, p. 294).

Se a vida de Santa Senhorinha foi marcada por sinais de santidade, também sua morte aparece na hagiografia como exemplo de morte cristã e santa. Philippe Ariès, em sua obra *O homem diante da morte*, afirma que a morte excepcional e extraordinária de um santo ou de um místico, o enche de alegria celestial pela aproximação do fim da vida terrena e do encontro com Deus (cf. ARIÈS, 2014, p. 17). Senhorinha de Basto, ao fim de sua vida, segundo o hagiógrafo, encontrava-se

muito alegre, e muito esforçada, jazendo bem sabia a hora em que auia d andar a sua alma a Deos, a qual Jesu cristo recebeo, e presentou a Deos padre, ao qual elladaua grandes louvores e graças, e roguaua a Deospollos seus amigos, e eso medes a madre de Deos, com ellatomarom todos os santos e santas da corte do ceo mui gram prazer, e esso medes a madre de Deos, e ainda roguaua a Deosquada dia que a soberba dos mãos que abaixasse (1268-1279).

O desejo de Deus e de habitar o paraíso celeste, animava a vida religiosa nos mosteiros medievais, mesmo sendo o mosteiro uma antecipação do paraíso, os monges

e monjas alegravam-se pela proximidade de entregarem-se a Deus e gozarem da companhia dos santo e da Virgem Mãe de Deus.

No período em que é copilada a Vida e milagres de Santa Senhorinha de Basto, a Igreja passa por profundas transformações advindas da Reforma Gregoriana. Há uma preocupação por se fazer cumprir as determinações do IV Concílio de Latrão (1215), uma ênfase nos sacramentos da penitência e da eucaristia é dada por este concílio, no qual foi instituída a confissão individual. A morte de Senhorinha é assistida pelos clérigos, considerando assim a importância institucional, e a santa morre após receber os sacramentos da Igreja, uma expressão da política sacramental que visava a Igreja instaurar.

Considerações finais

A Vida e os milagres de Santa Senhorinha de Basto compilados em um relato hagiográfico no século XIII demonstra a preocupação em divulgar o culto da santa, assim atraindo peregrinos ao túmulo da mesma, junto com estes viam também ofertas, comércio, desenvolvimento da região de Basto e um fortalecimento do clero local. A hagiografia de Santa Senhorinha de Basto permite uma diversidade de estudos que ao longo de nossa pesquisa temos tentado nos deter, tais como a apresentação de um modelo de vida religiosa e espiritualidade para as mulheres do medievo, a relação destas com a leitura, visto que é citada diversas obras literárias na fonte hagiográfica utilizadas na formação religiosa de Senhorinha e o modelo de leitura e memorização que serviu a santa de Basto. A apresentação de uma mulher como administradora de bens e propriedades, uma abadessa de influência e prestígio, tem-se aberto também como um frutuoso campo de estudos para nosso trabalho.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense, 2013.
- DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- GAMEIRO, Odília Alves. A apropriação nobiliárquica de um culto rural. A hagiografia de Santa Senhorinha de Basto. In: ARQUIPÉLAGO HISTÓRIA, 2ª Série, V, 2001, p. 561-580.
- LE GOFF, Jacques. *Em busca do tempo sagrado: Tiago de Varazze e a Lenda dourada*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- _____.(Dir.). *O Homem Medieval*. Lisboa: Estampa, 1994.
- MATTOSO, José. *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*.
- SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão. Reflexões sobre a *Vita Beatae Seniorinae Virginis*. In: TEIXEIRA, Igor Salomão (org.). *História e Historiografia sobre a Hagiografia Medieval*. São Leopoldo: Oikos, 2014.

VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média ocidental: séculos VIII a XIII*. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

_____. O Santo. In. LE GOFF, Jacques (direção). *O homem medieval*. Lisboa: Presença, 1989. p. 211-230.

VIDA E MILAGRES DE SANTA SENHORINHA DE BASTO. 1268-1279. Arquivo Municipal Alfredo Pimenta (Guimarães), Ms da Colegiada 793, fls. 211r-236r.